

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ  
CURSO DE PEDAGOGIA.**

SOLANGE MEIRA DE SOUZA.  
NACYRA YIBURI FERNANDES DE LUCENA

**DISLEXIA NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

Rio de Janeiro

2022.1

# **DISLEXIA NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS.**

## **Dyslexia In Elementary Schol Early Years.**

### **Nome (s) do (s) autor (es)**

Solange Meira de Souza. Graduando (a) do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São José.

### **Orientador**

Prof.<sup>a</sup> Ms. em Educação. Nacyra Yiburi Fernandes de Lucena.

### **RESUMO**

A educação escolar atualmente passa por grandes e variadas discussões, e o fracasso escolar é uma realidade visível e cabe a nós mudar esse quadro. Pesquisas mostram que o fracasso escolar é um desafio a ser superado, este artigo nos mostra que é preciso identificar e conhecer quem atua diretamente com o aluno, neste caso o próprio professor, é um personagem muito importante no diagnóstico de alunos com transtorno de dislexia, pois os alunos recebem estigmas ou atitudes erradas em relação às suas ações em sala de aula. O objetivo geral deste artigo é analisar a dislexia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em relação à aprendizagem e comportamento dos alunos que apresentam esse transtorno. Para atender ao objetivo, foram feitas pesquisas aos professores da rede municipal regular de ensino e da rede privada de ensino, e os dados obtidos nos mostram que é preciso fazer perguntas sobre as metodologias que são aplicadas. Os resultados nos mostraram que os professores têm um conhecimento razoável sobre o transtorno da dislexia, e que será um caminho difícil, mas gratificante, muitos estão fazendo treinamento contínuo na área de especialização da educação inclusiva.

E ao final deste estudo, nos faz repensar os métodos de ensino que têm sido aplicados aos alunos com transtorno da dislexia, seus conhecimentos práticos e teóricos e buscar conhecimento em uma formação plena e contínua para que possam ter formação adequada aos métodos práticos e, assim, o aluno com transtorno de dislexia terá uma boa aquisição de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Dislexia. Educação. Ensino Fundamental.

## **ABSTRACT**

School education currently goes through large and varied discussions, and school failure is a visible reality and it is up to us to change this picture. Research shows that school failure is a challenge to be overcome, this article shows us that one has to identify and know the one who acts directly with the student, in this case the teacher himself, is a very important character in the diagnosis of students with dyslexia disorder because students receive stigmas or wrong attitudes regarding their actions in the classroom. The general objective of this article is to analyze dyslexia in Elementary School Early Years in relation to the learning and behavior of students who present this disorder. To meet the objective, research was made to the teachers of the regular municipal education network and private education network, and the data obtained shows us that one should ask questions about the methodologies that are applied. The results showed us that teachers have a reasonable knowledge about dyslexia disorder, and that it will be a difficult but rewarding path, many are doing continued training in the area of specialization of inclusive education.

And at the conclusion of this study, it makes us rethink the teaching methods that have been applied to students with dyslexia disorder, their practical and theoretical knowledge and seek knowledge in a full continuous training so that they can have adequate training to practical methods and thus the student with dyslexia disorder will have a good acquisition of learning.

**Keywords:** Dyslexia. Education. Elementary school.

## **INTRODUÇÃO:**

A dislexia é um distúrbio genético o qual vem afetando uma grande parte da população mundial, não escolhendo etnia, gênero ou idade.

Até hoje não se sabe o que vem a ocasionar esse distúrbio, mas pode-se considerar que no ensino fundamental anos iniciais, é o ápice da evidência. Através do comportamento do estudante o professor é capaz de identificar pequenas alterações que o leva a compreender que o estudante tem o distúrbio da dislexia. Nesse momento o professor deve sinalizar sua bandeira interior de atenção.

Sendo a dislexia um processo de dificuldade no ler e escrever, cabe ao professor buscar alternativas para que a aprendizagem se torne divertida, diversificada e confortável ao estudante. Hoje existe vários meios no qual o professor pode valorizar a aprendizagem com um ensino de qualidade.

Essa valorização o professor pode realizar misturando jogos e brincadeiras voltados para o aprendizado, proporcionando um momento de conhecimento em algo em algo mais interessante e proveitoso a todos.

Não adianta fazer cobranças exaustivas na aprendizagem do estudante com o distúrbio da dislexia, pois isso pode ocasionar depressão, transtornos de ansiedade e o que vem aumentando muito a evasão escolar, a criança perde assim todo o interesse no aprendizado.

Educar é uma arte, um ofício de quem ama mediar a construção do conhecimento do estudante.

O objetivo em relação com a pergunta norteadora desse estudo que é o que vem ocorrendo com nossos estudantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais que possuem o distúrbio da dislexia?

O objetivo geral deste artigo consiste em analisar a dislexia no Ensino Fundamental Anos Iniciais em relação com a aprendizagem e o comportamento dos estudantes que apresentam esse distúrbio e para alcança-lo escolhi estes três objetivos específicos: Descrever a dislexia; entender como acontece a inclusão de alunos com

dislexia no Ensino Fundamental Anos Iniciais; verificar a prática pedagógica que vem sendo aplicada aos estudantes com dislexia no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

A justificativa deste artigo é que uma grande parte da população mundial está sendo acometida pelo distúrbio da dislexia, é o que vem mostrando as pesquisas.

Pelo fato de tornar-se pedagogos, se tem que precaver para o fato de identificar e auxiliar os estudantes que tenham o distúrbio da dislexia. E com isso dar a garantia e todo o apoio necessário à aprendizagem dos mesmos.

Existem casos em que o estudante é taxado de burro, lesado, tapado e etc. O que vem causando depressão infantil e evasão escolar, pelo simples fato de que o estudante se sente incapaz de aprender. E para mudar este quadro, como pedagoga quero conhecer mais a fundo este dilema enfrentado por nossos jovens estudantes.

A relevância deste estudo é que todos os que possuam crianças com o distúrbio da dislexia possam se orientar melhor para ter um conhecimento específico sobre o distúrbio da dislexia e assim tornar a aprendizagem do estudante mais confiante e confortável. Pais, responsáveis, familiares, professores, psicopedagogos podem e devem se beneficiar deste artigo, para que assim possam produzir um conhecimento de qualidade aos nossos jovens estudantes.

A hipótese em relação com a pergunta norteadora desse estudo que é o que vem ocorrendo com nossos estudantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais que possuem o distúrbio da dislexia?

Tem-se como hipótese que os estudantes com dislexia na maioria das vezes vêm sofrendo bullying. Sendo perseguidos tanto pelos colegas de classe como também por familiares e pessoas próximas. A depressão infantil é uma das consequências causadas por esse tipo de perseguição. E como pedagogos é um dever e até mesmo uma obrigação de levar o esclarecimento para aqueles indivíduos que convivem com estudantes portadores do distúrbio da dislexia, para que assim nossos jovens estudantes possam se sentir confiantes e confortáveis com a aprendizagem.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta fundamentação teórica a dislexia é considerada como sendo uma deficiência da leitura e da escrita, e que nos dias de hoje é classificada como sendo, distúrbio da dislexia.

A Fundamentação Teórica desse artigo baseia-se nos autores Rotta e Pedroso (2006), Rizzutti e Muskat (2012), Emilio Figueira (2016), Valeria Tiusso (2006)

Os autores Rotta e Pedroso (2006) atestam que o termo dislexia foi usado em 1872, em Berlim por Kerr, sendo publicado somente em 1896 por Morgan.

Este termo “dislexia” nos mostra que até então a dislexia era uma incógnita e que vários estudos foram realizados por Kerr, e assim identificando a dislexia como um distúrbio da aprendizagem. Facilitando um diagnóstico preciso para que os jovens pudessem ter um tratamento eficaz.

Para Rizzutti e Muskat (2012, p. 13), o neurologista Geschwind nomeia uma das dificuldades do aprendizado, em que a característica aparece somente na leitura e na escrita.

Assim sendo é muito difícil para um estudante disléxico o aprendizado, principalmente onde começa sua formação, no Ensino Fundamental Anos Iniciais, um estudante disléxico pode levar até vinte vezes mais de tempo para fazer uma cópia e que um estudante não disléxico não leva tanto tempo. A leitura do estudante disléxico torna-se bem mais lenta, devido à dificuldade de correspondência das letras em sequência.

O significado dys, como dificuldade, e lexia, como palavra. No entanto, é na decodificação do sentido de derivação grega de dislexia, que está a significação intrínseca do termo: dys, significa perfeito como disfunção, isto é, uma função anormal ou prejudicada; e lexia que, no grego, dá significação mais ampla ao termo palavra, isto é, como linguagem em seu sentido amplo. (Rizzutti e Muskat 2012, pag.15)

O que nos faz entender que o termo dislexia é a dificuldade de uma aprendizagem no seu sentido amplo, a dislexia vem a ser a disfunção da leitura e da escrita, e que só pode

e deve ser diagnosticada por profissionais competentes. O papel do professor é o de perceber e orientar aos pais a levar o estudante a um profissional capacitado para que possa fazer um diagnóstico e assim o professor poderá se usar de uma metodologia que se adeque a esse estudante.

Segundo o professor Emilio Figueira os estudantes com dislexia leem e escrevem mais lentamente do que os outros estudantes, assim é para eles muito difícil acompanhar as aulas tirando notas. Estes estudantes podem também encontrar dificuldades em ler acetados/apresentações nas aulas, pois têm dificuldade em compreender o que leem e em copiar.

Emilio Carlos Figueira da Silva- Psicólogo pela USC, pós graduado em Educação Inclusiva, três especializações pela USP, e atua há 34 anos como pesquisador - científico em instituições Universitária nas áreas de Educação Inclusiva, Psicologia e Pessoas com Deficiência. Possui 97 artigos e 77 livros individuais publicados no Brasil e exterior. Doutorado em Psicanálise e em Teologia e Extensão Universitária em Docência do Ensino à Distância.

A dislexia é uma perturbação específica da aprendizagem de origem neurobiológica. Caracteriza-se por dificuldades no reconhecimento preciso e/ou fluente das palavras escritas, por dificuldades ortográficas e por dificuldades na decodificação. Estas dificuldades resultam frequentemente de um déficit na componente fonológica da linguagem e são muitas vezes inesperadas relativamente a outras capacidades cognitivas e face ao fornecimento de instrução eficaz. (FIGUEIRA 2016, pag. 132)

Assim sendo cabe ao professor inicialmente incentivar o aluno, trazendo apresentações prévias, resumos para que o estudante assim possa ficar familiarizado com todo o conteúdo que será trabalhado. Sempre prestar atenção ao aluno disléxico, se caso está conseguindo acompanhar o texto ao qual está sendo trabalhado. Com isso pode-se dar ao estudante uma boa capacitação e também uma boa autoestima.

Valeria Tiusso (2006), iniciou sua carreira como pedagoga, ministrando suas aulas para crianças, adolescentes e adultos, também trabalhou como mantenedora, coordenadora e gestora escolar, onde se deparou com inúmeros alunos com dificuldade de aprendizagem. Quando ouviu falar a psicopedagogia se encantou, motivada pela chance de auxiliar os alunos e os profissionais da educação. Fez a pós graduação em psicopedagogia.

Neuro Psicopedagoga Clínica, e Educação Especial Inclusiva, Técnica em Neurobiofeedback, Sreener, Professora de pós graduação e Mantenedora Da Casa Do Psicopedagogo e Diretora clínica do Centro Multidisciplinar De Neuro aprendizagem.

“No caso dos disléxicos, a literatura tem mostrado que a reeducação pode ajudar na obtenção de habilidades de leitura e escrita suficientes para o sucesso acadêmico, mas o déficit fonológico subjacente parece persistir (Campbell e Butterworth, 1985; Elbro, Nielsen e Peterson, 1994). Já as outras crianças, embora tenham uma leitura fraca, têm potencial normal para a aquisição da leitura e da escrita”. (Tiusso 2006, pág. 8).

A literatura tem sido um fator fundamental para se adquirir habilidades tanto na escrita como na leitura para os alunos que possuem o distúrbio da dislexia e para tanto os professores e os responsáveis podem e devem incentivar e familiarizar esses estudantes ao uso contínuo dessas obras literárias. Adaptando-os ao uso dos mesmos, mas para tanto deve-se também evitar obras literárias que contenham o uso de muitas gravuras, pois os estudantes que são portadores do distúrbio da dislexia fixam suas mentes mais nas gravuras, esquecendo-se das letras.

## **A DISLEXIA**

Conforme os estudos de Norton (1937), a dislexia pode ser um fator genético, e uma das situações mais comuns é a dificuldade de redesenhar ou reconstruir a ordem, sequência e sons das letras. Como se pode notar as dificuldades da leitura e escrita não são tão recentes e já passaram por várias etapas e pesquisas.

...a razão principal de fracasso parece ser a dificuldade apresentada por certas crianças. Mesmo em línguas com ortografia quase inteiramente regular, na descoberta do fonema, chave para a compreensão do princípio alfabético da escrita. (MORAIS 1995 apud MUSZKAT, RIZZUTTI, 2012, pag.20).

A palavra dislexia é o sentido da disfunção que ocorre na leitura e na escrita.

A organização mundial de saúde (2012), define que a dislexia é um distúrbio da aprendizagem e que está diretamente ligada à leitura e não explicada por déficit de



inteligência, e outros tipos de problemas sensoriais, sociais ou emocionais, visuais ou auditiva. (RIZZUTTI e MUSKAT, 2012, p. 14)

Sendo assim a dislexia interfere na escrita e leitura, juntamente com dificuldades de decodificação ou soletração, sendo que o indivíduo apresenta uma inteligência normal sem uma característica presente ou visível.

“A dislexia do desenvolvimento é o transtorno em que a criança, apesar de ter acesso à escolarização regular, falha em adquirir as habilidades de leitura e soletração que seriam esperadas de acordo com seu desenvolvimento intelectual”. (RIZZUTTI E MUSKAT, 2012, p. 15)

A dislexia é descrita como um distúrbio genético o qual vem afetando uma grande parte da população mundial, não escolhendo etnia, gênero ou idade.

Até hoje não se sabe o que vem a ocasionar esse distúrbio, mas seria bom considerar que no ensino fundamental anos iniciais, é o ápice da evidência. Através do comportamento do estudante o professor é capaz de identificar pequenas alterações que o leva a compreender que o estudante tem o distúrbio da dislexia. Nesse momento o professor deve sinalizar sua bandeira interior de atenção.

Sendo a dislexia um processo de dificuldade no ler e escrever, cabe ao professor buscar alternativas para que a aprendizagem se torne divertida, diversificada e confortável ao estudante. Hoje existe vários meios no qual o professor pode valorizar a aprendizagem com um ensino de qualidade.

O distúrbio da dislexia, é um fator que afeta o lado direito do cérebro. Os autores Rotta e Pedroso (2006) atestam que o termo dislexia foi usado em 1872, em Berlim por Kerr, sendo publicado somente em 1896 por Morgan.

A dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, indivíduos com dislexia apresentam um funcionamento peculiar do cérebro para os processamentos linguísticos relacionados à leitura.

Segundo a biblioteca virtual Scielo o diagnóstico precoce e a aplicação de atividades específicas são essenciais. E quanto mais cedo o transtorno for diagnosticado, menor será a defasagem escolar e os impactos emocionais da criança com dislexia.

É preciso saber distinguir o processo de como acontece o aprendizado do estudante que contém o distúrbio da dislexia, e quanto mais cedo for diagnosticado o estudante, mais cedo se saberá como reverter este quadro. Com atividades lúdicas, que são mais fáceis de memorizar, para que assim se possa levar o aprendizado aos estudantes evitando uma evasão escolar como também muitos sentimentos de inferioridade para com seus colegas de classe. E que o estudante possa se sentir mais confortável na aquisição de conhecimento.

“Os estudantes com dislexia leem e escrevem mais lentamente do que os outros estudantes, assim é para eles muito difícil acompanhar as aulas tirando notas. Estes estudantes podem também encontrar dificuldades em ler acetatos/ apresentações nas aulas, pois têm dificuldade em compreender o que leem e em copiar” (Emílio Figueira, 2016, pag.135).

Os professores podem neste processo facilitar o aprendizado dando-lhes adequações necessária para uma compreensão melhor do trabalho proposto. Usando os temas de forma clara e precisa, quando necessário sempre revisar a abordagem feita ao estudante disléxico. Sempre ter uma certeza de que o tema da aula e o conteúdo foi claramente compreendido pelo estudante disléxico. O que tornaria mais prático tanto ao professor como ao estudante, seria levar os conteúdos dos trabalhos da classe já imprimidos, O que tornaria o estudante disléxico mais confortável com o conteúdo proposto.

Segundo as pesquisas do Prof. Emílio Figueira, consequências secundárias podem incluir problemas na compreensão da leitura e experiência de leitura reduzida, o que pode impedir o desenvolvimento do vocabulário e do conhecimento geral. (2016, pag. 132).

E para que não aconteça essas consequências secundárias se deve antes de tudo dar ao estudante com o distúrbio da dislexia um apoio moral e educacional, alavancando sua autoestima, fazendo-o compreender que ele é muito capaz, mais até do que ele próprio pensa. E que através de um ensino lúdico, pode-se e muito facilitar a aquisição de conhecimento por parte desse estudante disléxico.

E no campo educacional existem muitas possibilidades de aprendizagem para o estudante disléxico. Uma educação interativa com as metodologias ativas é fundamental para uma aprendizagem que venha a complementar e reforçar a aquisição de conhecimento, não só para o estudante disléxico, mas também outros que venham a ser

portadores de algumas outras deficiências. A interatividade não faz mal a ninguém, muito pelo contrário, todos os alunos da classe poderão participar e assim adquirir mais conhecimento, tendo uma aprendizagem de qualidade.

A psicopedagoga Valéria Tiusso (2006), nos mostra em seu artigo alguns tipos de dislexia, e tem-se os seguintes: Dislexia adquirida – É ocasionada por danos cerebrais, causada por acidentes, ações de guerra, tumores, embolias e transtornos psiquiátricos. Dislexia visual- É a dificuldade para seguir e reter sequências visuais e para análise e integração visual de quebra-cabeças e tarefas similares. Dislexia auditiva- É a dificuldade de discriminar os sons de letras, reconhecer variações de sons, sequencias de palavras, ordens e histórias, esta é a forma de dislexia mais difícil de corrigir. Dislexia superficial- Revela dificuldades dependendo da longitude e complicação das palavras, como acontece a tantas crianças disléxicas. Dislexia do desenvolvimento- Quando os médicos começaram a estudar as dificuldades na leitura, ditado e escrita nas crianças que eram saudáveis e normais, tiveram que fazer distinção entre estas crianças e as vítimas de dislexia adquirida. Estes casos descreveram-nos como de dislexia específica do desenvolvimento ou dislexia congênita.

Como pedagogos não se pode ter a destreza de identificar os vários tipos de dislexia, mas sabendo identificar que o estudante de nossa classe possui o distúrbio da dislexia já vai ser um suporte fundamental ao estudante e seus familiares. Assim tornar-se-á mais fácil indicar aos responsáveis pelo estudante, que o leve a um profissional capacitado, para que possa fazer um diagnóstico preciso, e o quanto mais cedo for diagnosticado, melhor será o seu aprendizado. Como profissionais capacitados será descrito os Psicopedagogos, Psicólogos, Fonoaudiólogos ou até mesmo dependendo do caso um Neurologista, para que possam fazer um laudo mais apurado e dependendo do resultado um plano de estudo será mais bem aprofundado no caso do tipo de dislexia o qual o estudante é portador. Conseguindo constatar o tipo de dislexia e usando uma metodologia adequada o estudante não sentirá privações de conhecimento e aprendizagem, muito pelo contrário terá uma adequação com todo o conteúdo dado em sala de aula, e assim não se sentirá mais como um estranho no ninho. Sua participação em aula é fundamental para o processo de aquisição do conhecimento, se tornando um

cidadão autônomo e autocrítico, não só para si como também para seus familiares e para com toda a sociedade.

O professor Emílio Figueira (2016), nos brindou com alguns sinais de dislexia, que com certa facilidade será identificado em nossos estudantes. Na escrita as dificuldades ortográficas são persistentes, mesmo com palavras simples. Dificuldades na gramática e na construção de frases. Pontuação ausente ou pobre.

A velocidade e sequências da escrita é afetada- os estudantes perdem com facilidade “a sequência lógica” do que estão a escrever/ler. A leitura é lenta e pouco exata, impossibilidade de fazer uma “leitura diagonal” e problemas em extrair as ideias fundamentais de um texto. Números, tem problemas com capacidades básicas ligadas à matemática e ciências como dificuldade em memorizar e relembrar sequências de números. Na leitura, escrita e oralidade, há dificuldade em ler em voz alta, em pronunciar palavras pouco familiares. Dificuldade em estruturar uma apresentação oral. Coordenação, a escrita pode ser lenta ou pouco ordenada. Organização, deficiente organização e gestão de tempo. Deficiente orientação espacial, por exemplo dificuldade em distinguir a esquerda da direita, leitura de mapas e seguir instruções de direção. A memória é deficiente de curto prazo. Perda de objetos com facilidade por não se lembrar onde deixou, esquecimento de nomes e números de telefone, etc. Pouca atenção. Nos problemas visuais em alguns casos pode apresentar dificuldade em ler um texto de uma determinada cor, ou quando tem fundo de uma cor específica. Os estudantes disléxicos podem ver os textos de forma diferente, por exemplo, ver espaços onde não existe qualquer espaço, palavras que se movimentam.

Algumas dessas características podem-se identificar, e será solicitado, para que os pais ou responsáveis leve o estudante a um profissional qualificado, e assim poderá ser feito um planejamento educacional de acordo com o diagnóstico e as características apresentada por cada estudante disléxico.

## **COMO ACONTECE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DISLEXIA NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS**

É fundamental entender como acontece a inclusão de alunos com dislexia no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

O direito de todas as crianças à educação está proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e foi reafirmado com veemência pela Declaração sobre Educação Para Todos. Pensando desta maneira é que este documento começa a nortear todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar seus desejos em relação à sua educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma de educação que melhor se adapte às necessidades, circunstâncias e aspirações dos seus filhos (Declaração de Salamanca, 1994, p. 5 – 6).

A Declaração de Salamanca (1994), foi um dos marcos fundamentais para a educação inclusiva e as escolas procuraram adaptar-se para que assim pudessem integrar esses estudantes ao seu corpo discente, devendo também a escola que se intitula inclusiva integrar-se junto à comunidade a qual é situada, criar um sistema interdisciplinar a qual venha a favorecer os estudantes que sejam portadores de deficiência. Como se pode notar as leis não citam especificamente sobre o distúrbio da dislexia, mas usa um termo geral como pessoas com deficiência.

É preciso repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e possam assumir um papel – chave nos programas de necessidades educativas especiais. Deve ser adotada uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas a deficiências específicas. (Declaração de Salamanca, 1994, p. 28).

Depois desta Declaração de Salamanca (1994), professores que atuavam nestas instituições de inclusão procuravam se interessar pelo o que seus alunos gostariam de aprender, acreditando em suas potencialidades. Muitos professores procuraram fazer uma formação continuada na área de Educação Inclusiva, objetivando as especificidades de seus alunos com deficiência, dando-lhes um acesso bem mais adequado ao aprendizado. E seus alunos passariam a acreditar mais em suas potencialidades, que é um fator imprescindível para aquisição de conhecimento. Tornando-se assim um cidadão autônomo e autocrítico e que pudesse achar seu espaço perante a sociedade. A

formação continuada do professor na área da Educação Inclusiva, tornou-se um marco fundamental para a aquisição do conhecimento dos estudantes portadores de deficiência.

No ano de 1994, surgiu a Declaração de Salamanca- Princípios, Políticas e Práticas em Educação Especial, proclamada na conferência Mundial de Educação Especial sobre necessidades Educacionais Especiais. Esse documento reafirmou o compromisso para com a **“Educação para todos”**, reconhecendo a necessidade de providenciar educação para pessoas com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino. (Prof. Emílio Figueira, 2016. pag. 7)

Com a Declaração de Salamanca (1994), foi feita toda uma trajetória de renovação de Inclusão Educacional e Social para os estudantes portadores de deficiência. Como já é sabido por nós, as pessoas portadoras de deficiência viviam escondidas e a margem da sociedade, sem direito e deveres, mas com essa renovação, foram criadas leis as quais vieram para integrar essas pessoas tanto no meio educacional como também ser mais participativa no campo social, assumindo assim seus direitos e deveres, tornando-se cidadãos plenos e participativos, o professor Emílio Figueira, destacou com louvor o termo da Declaração de Salamanca que tem a proposta de “Educação para Todos”. E como profissionais da educação, se deve sempre salientar esta proposta: Todos tem o direito de ter uma educação igualitária e com equidade, cabendo ao Estado e a família a inclusão de seus “filhos”.

Durante muitas décadas de isolamento e nos primeiros anos de vida, a criança com deficiência não tinha maiores problemas, vivendo em torno da família, sendo assistida e recebendo toda a proteção do lar. Mas ao atingir a idade escolar, iniciava-se o dilema: a procura de escolas especializadas com vagas, ou mesmo uma de ensino regular que o aceitasse em seu quadro de alunos. Dilema, porque, como em todos os setores que envolve a questão deficiência, a Educação Especial também sempre enfrentou problemas. (Prof. Emílio Figueira, 2016, pag. 8).

Problemas que foram causados por falta de verbas federais, estaduais e municipais, causando assim um impacto muito grande para as pessoas com deficiência, as quais não conseguiam vagas em escolas especializadas e muito menos no ensino regular, as escolas se encontravam em uma situação muito precária, não tendo como receber esses estudantes. Os professores tinham uma formação carente na área ou nenhuma,

tornando a educação dos estudantes com deficiência muito pobre ou nenhuma, isso quando por acaso conseguiam uma vaga na rede regular de ensino. Já as escolas especializadas também funcionavam de forma precária. E quando conseguiam a vaga nas escolas da rede regular de ensino, lhes eram preparada uma sala de classes especiais, onde ficavam isoladas.

(...) a Educação Especial sempre foi ministrada em vários locais: em escolas residenciais, em hospitais, em casa, em internatos, escolas especiais, classes especiais, em salas de recursos adequados, pensionatos para alunos externos ou através de planos corporativos. Porém sempre houveram dois principais recursos no Brasil: As Escolas e Classes Especiais. Esta última mantida em escolas comuns (estaduais e municipais), abrigando crianças classificadas na categoria de suas deficiências. Em alguns casos, essas classes serviam/servem de auxílio, onde o aluno frequenta meio período na classe comum e meio na classe especial". (Prof. Emílio Figueira, 2016, pag. 8 e 9).

Cada estudante portador de deficiência tem sua própria especificidade dependendo do grau de sua deficiência o estudante frequentará meio período na classe especial e meio período na classe comum, o que lhe é de direito, já que a Educação Inclusiva já faz parte de nossa realidade, frequentando salas comuns de aula. Mas em muitos casos, como por exemplo o distúrbio da dislexia, o estudante não precisará frequentar uma classe especial, basta apenas em sala de aula ter um acompanhamento de um mediador ou estagiário da área educacional. O estudante disléxico com um acompanhamento adequado, tem muita capacidade de aprender, se lhe propor condições para tal. Já que se tem avançado e muito em relação a Educação Inclusiva, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido.

Depois da renovação na Declaração de Salamanca (1994), o Brasil fundamentou esta renovação em algumas leis brasileira: Na Constituição Federal de 1988, o Artigo 205, que proclama a educação como um "direito de todos e dever do Estado e da família", e como tal deve ser norteadada por princípios básicos comuns a todos, independentemente de sua origem, classe social, cultura, religião, raça ou característica biopsicossocial. No Art. 206 da Constituição Federal consta que: O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

No Art. 208 – O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência (sic), preferencialmente na rede regular de ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394/96, no Capítulo III, art. 4º, inciso III, diz que é dever do Estado garantir o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

III – atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino; (Redação dada pela Lei nº 12.796. de 2013).

A Inclusão escolar está respaldada por todas essas leis e existem muitas outras mais, e baseados nestas leis deve-se sim, considerar e ter a garantia de matricular nossos estudantes nas redes regular de ensino o que já é um direito adquirido por nossos jovens estudantes, agora cabe a família e responsáveis cobrar este direito para que cada estudante possa ter uma educação de qualidade, e direitos esses que são certificados por todas as leis que abrangem este objetivo que é o de educação para todos.

Sendo o processo de avaliação escrita muito cômodo para o estudante disléxico, nos cabe desenvolver alternativas para que esses estudantes possam se sentir mais confortáveis. Por exemplo: aplicar uma avaliação oral direta e concisa para que o estudante não se sinta desconfortável e na entrega de trabalhos combinar uma data que o estudante possa se sentir confortável com o prazo de entrega, deve-se sempre permitir que o estudante use alternativas que o ajudem a corrigir os próprios erros, os trabalhos escritos manualmente de torna muito dificultoso para o estudante disléxico, então assim sendo se deve permitir que esses trabalhos sejam escritos usando computador ou até mesmo impressos. Assim se poderá facilitar e muito a avaliação do estudante disléxico.

Segundo o prof. Emílio Figueira (2016). Lidando com um aluno disléxico o professor deve ter conhecimento e sensibilidade. Algumas estratégias podem ser usadas para facilitar o aprendizado do aluno disléxico.



E com certeza sempre fazer uso de material concreto como por exemplo, Material Curisineire; tablets; calculadora; Material Dourado; régua ou máscaras para disléxicos; e sempre que possível usar letras com várias texturas; fazer uso de gravuras e fotografias, (o visual é um dos fatores muito importante para a aprendizagem do estudante com dislexia); e quando puder aplicar revisões do conteúdo dado, assim o estudante poderá aprender com mais facilidade; quando se aplicar palavras longas deve-se ensinar os estudante a separa-las com lápis, para que eles possam ler com mais eficácia.

Com uma metodologia adequada ao estudante disléxico, seu aprendizado será muito confortável, e que não o diminuirá perante sua classe e nem perante seus familiares e pessoas próximas.

Nunca mencionar e nem muito menos dizer a um estudante disléxico que é lento ou preguiçoso, ou até mesmo compara-lo a seus colegas de classe, pois com esse tipo de atitude o estudante se tornará cada vez mais deprimido, podendo até mesmo a vir desenvolver uma depressão infantil, por se sentir incapaz de aprender, o que leva também a evasão escolar. E como pedagogos tem-se que ter a consciência de que o futuro desses estudantes de certa forma também está em nossas mãos. Pois deve-se deixar o aluno o mais confortável possível com sua aprendizagem. Evitando que venham a ter sua autoestima abalada por uma aprendizagem deficiente e ineficaz.

Segundo o prof. Emílio Figueira (2016). “Nunca é tarde demais para ensinar uma criança a ler. Toda criança precisa de apoio e paciência e mais ainda o aluno disléxico. Ele precisa de mais compreensão com suas dificuldades e atenção individualizada sempre, por mais difícil que seja”.

Os professores das escolas de ensino municipal regular e também das privadas tem sempre um currículo muito extenso a ser cumprido, o que torna a aprendizagem do estudante disléxico um pouco mais complicada, mas com um pouco mais de dedicação os professores poderão adequar seu tempo para que possa promover um tipo de ensino mais complementar aos estudantes disléxicos. Coordenando esse tempo junto com pais e responsáveis e ministrando seu tempo em aula, os professores serão capazes de levar esse estudante em direção a aprendizagem. É de conhecimento de muitos, que o educar

é uma arte e que a maioria desses professores são os artistas do ensinar e educar e tudo que é feito com amor e dedicação, só haverá um caminho que é o do sucesso.

Segundo a psicopedagoga Valéria Tiusso (2006). “Muito cedo as crianças são capazes de demonstrar habilidades fonológicas tais como detecção de sílabas, aliteração e rimas enquanto as habilidades como apagamento, contagem e manipulação de fonemas emergem muito mais tarde e podem ser influenciadas pela alfabetização. A primeira coisa a ser aprendida no sistema alfabético é a representação da fala por letras e a conversão da linguagem escrita em linguagem falada”.

A criança tem muita capacidade para adquirir a estratégia alfabética, se conscientizando de que pode falar em sequências fonéticas, sobretudo vai precisar de uma orientação pedagógica adequada de acordo com seu amadurecimento, em muitos casos, a criança vai precisar de uma orientação profissional como no caso dos psicopedagogos ou um fonoaudiólogo. Para que possa alcançar a linguagem escrita e falada subjetivando a segmentação da fonética.

A fonologia é um composto crítico que em sua falta ou deficiência, vem sendo uma das maiores causas de déficit de leitura. E que cabe ao professor uma orientação pedagógica adequada a este estudante, com metodologias que podem ser aplicadas no processo de aprendizagem para que assim o estudante possa ter uma aprendizagem de qualidade.

As práticas pedagógicas que são aplicadas ao estudante com o distúrbio da dislexia está sendo muito bem ministrada por seus professores, mas ainda se tem um caminho muito longo para que se possa chegar ao ápice de uma metodologia mais adequada aos nossos jovens estudante que contenham o distúrbio da dislexia, a qualificação de nossos professores em uma formação continuada é um dos fatores essenciais para um bom desfecho na educação inclusiva, tornando-se capazes de acolher nossos jovens estudantes que possuam algum tipo de deficiência. Apesar que depois da Declaração de Salamanca (1994), muitos professores procuraram fazer uma formação continuada para que pudessem atender este público que outrora tão carente sem ter como contar com uma educação relevante. Mas ainda falta muito que fazer para se chegar a uma adequação eminente.

Assegurar que os direitos previstos na lei em benefício dos estudantes disléxicos são respeitados, nomeadamente em matérias de exames: intervalos. Tempo suplementar, leituras, utilização de computadores portáteis. (Emílio Figueira, 2016, pag. 04)

É de suma importância que as práticas pedagógicas estejam sempre de acordo com as condições do estudante disléxico, cabendo aos pais e responsáveis saber cobrar por práticas pedagógicas para seus filhos. Cabendo ao professor ministrar suas aulas de acordo com as condições do estudante e também se adequar aos conceitos e costumes de cada família, para que assim o estudante disléxico possa se sentir mais confiante. Os professores devem sempre manter os estudantes (sempre que possível) com sua autoestima elevada, saber compreender o quanto um estudante disléxico pode ser muito sensível e que uma alteração do professor pode a vir deixar esse estudante muito envergonhado e tímido perante seus colegas de classe, o que poderia gerar um desconforto muito grande, fazendo-o se desinteressar pelo aprendizado, o que causaria uma baixa estima e até mesmo a saída da unidade de ensino escolar.

Em situações de avaliação as capacidades de escrita e ortografia do estudante disléxico podem piorar devido à pressão do tempo. Estes estudantes podem igualmente usar um tipo de linguagem mais básica, evitando palavras longas que lhe torna mais lento o processo de expressão escrita". (Emílio Figueira, 2016, Aula 38, pag. 04)

O estudante disléxico tem muita capacidade de adquirir conhecimento, basta apenas que se tenha um pouco mais de compreensão e dedicação, assim o estudante poderá ter uma base para que possa seguir em frente na sua aprendizagem, tornando-se um indivíduo pleno, crítico e autônomo.

## **A PRÁTICA PEDAGÓGICA QUE VEM SENDO APLICADA AOS ESTUDANTES COM DISLEXIA NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS.**

A prática pedagógica que vem sendo aplicada aos estudantes com dislexia no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Segundo o prof. Emílio Figueira (2016), “as seguintes sugestões de boas práticas serão particularmente úteis para os estudantes com dislexia, mas podem ser úteis aos estudantes em geral. (...) evitar dizer que ela é lenta, preguiçosa ou compará-la aos outros alunos da classe; ela não deve ser forçada a ler em voz alta em classe a menos que demonstre desejo em fazê-lo;

Nessa prática o estudante se sentirá bem mais confortável para a aquisição da aprendizagem, pois ele estabelecerá seu tempo e conforto para o conhecimento. Nos dias de hoje, já existem muitas práticas pedagógicas que estão sendo aplicadas ao estudante disléxico, mas ainda existe um caminho muito longo para chegar a um conceito de práticas pedagógicas no ensino inclusivo.

Foi feita uma pesquisa de campo, a qual envolveu um total de vinte professores da rede regular municipal de ensino como também professores da rede privada de ensino. E o que a pesquisa nos mostrou foi que existe uma metodologia adequada para os estudantes com o distúrbio da dislexia no Ensino Fundamental Anos Iniciais, mas que ainda falta muito conhecimento e uma formação continuada nesta área para a aplicação dessas metodologias e principalmente na rede regular municipal de ensino o que na maioria das vezes os professores não tem o material apropriado para o uso dessas metodologias e muitos deles improvisam tais materiais com muita criatividade e dedicação, para que seus alunos possam se sentir mais confortáveis com a aprendizagem, evitando a baixa estima do estudante e em muitos casos a evasão escolar e esse estudo vem nos mostrar que ainda há um caminho longo a ser percorrido para que se chegue a um denominador comum que vem a ser a garantia de que nossos estudantes venham a ter uma capacitação plena e individual, tornando-se um cidadão crítico e autônomo. É válido compreender também que o quadro do estudante disléxico pode sim ter sua situação revertida com o apoio dos

pais, responsáveis, familiares e professores, usando de sensibilidade, compreensão, dedicação e metodologias que se adequem as necessidades desses estudantes.

O cérebro do estudante no Ensino Fundamental Anos Iniciais, ainda se encontra em formação, quando este estudando passa pela formação infantil, seu cérebro começa a fazer adaptações e quando chega na adolescência e na fase adulta, sua dislexia torna-se quase que imperceptível, por isso, deve-se procurar sempre aplicar as metodologias adequadas, para que possa haver essa adequação e até mesmo uma superação.

E foi feito um questionamento das seguintes perguntas aos professores tanto da rede municipal regular de ensino como também da rede privada de ensino, e na pergunta: Qual a origem da dislexia? O primeiro professor respondeu que não sabia; o segundo respondeu que é devido a uma alteração cromossômica ou hereditária; o terceiro respondeu que é genética e ou hereditária; o quarto professor respondeu que é o distúrbio de leitura e linguagem; o quinto respondeu que vem a ser genética; o sexto respondeu que são fatores genéticos; o sétimo diz acreditar que de uma má alfabetização no momento correto; o oitavo disse ser uma alteração cromossômica hereditária; o nono que se deve a um transtorno genético; o décimo acredita que hereditária; o décimo primeiro diz que desconhece; o décimo segundo diz ter histórico familiar de dislexia, ter nascido prematuramente ou com baixo peso, ter existido exposição a nicotina, drogas ou álcool durante a gravidez; o décimo terceiro acredita que seja de origem genética; o décimo quarto não soube responder; o décimo quinto que vem a ser um distúrbio genético; o decimo sexto diz que pode estar relacionado as questões genéticas ou hereditárias; o décimo sétimo diz que acredita que seja neurológico; o décimo oitavo diz que vem a ser alterações cerebrais e produção excessiva de testosterona e o décimo nono não sabe dizer ao certo. E nesta pergunta apenas 19 professores responderam, mas nos dá uma base que a maioria não sabe e/ou que tem pouca noção de como se dá a origem da dislexia.

Já na segunda pergunta obtive os seguintes dados. A pergunta foi: Quais práticas pedagógicas você utilizaria com alunos disléxicos? E obtive as seguintes respostas: O primeiro professor respondeu que faz atividades de consciência fonológica; o segundo professor diz que faz práticas lúdicas e sensoriais; o terceiro que trabalha

com auto ditado; o quarto que usa de jogos; o quinto diz que adequa os materiais para facilitar a aprendizagem; o sexto diz que trabalha com ludicidade e repetição; o sétimo faz avaliações orais e metodologia fônica; o oitavo professor trabalha com o auto ditado, quebra cabeça, som fonético e repetitivo, palmas e sílabas; o nono faz um atendimento individualizado com o uso de letras moveis e jogos pedagógicos; o décimo diz que tem atenção e paciência; o décimo primeiro diz que trabalha com mais grafia; o décimo segundo que pratica estratégias de aprendizagem que estimulem a leitura, a escrita e a visão; o décimo terceiro que pratica atividades com significado para o aluno, que reforcem os ensinamentos de forma repetitiva; o décimo quarto disse que nunca teve a oportunidade; o décimo quinto diz que trabalha com atenção e paciência; o décimo sexto fala que pesquisaria uma melhor forma de trabalhar com um aluno disléxico; o décimo quinto trabalharia adaptando recursos simples para facilitar o aprendizado desse aluno; o décimo sexto diz que praticaria atividades que estimulem a concentração, escritas e leituras corretas. O décimo sétimo disse nenhuma e o décimo oitavo diz não ter muitas informações sobre o assunto. E nesta pergunta, de vinte professores apenas dezoito responderam, o que nos mostra mais uma vez o quanto é a despreparação de nossos professores relacionados ao distúrbio da dislexia.

E nesses gráficos abaixo nos apontam que a nossa dura realidade para com nossos estudantes que possuem o distúrbio da dislexia, de que nossos professores não se encontram bem preparados para levar o conhecimento básico a esses estudantes.

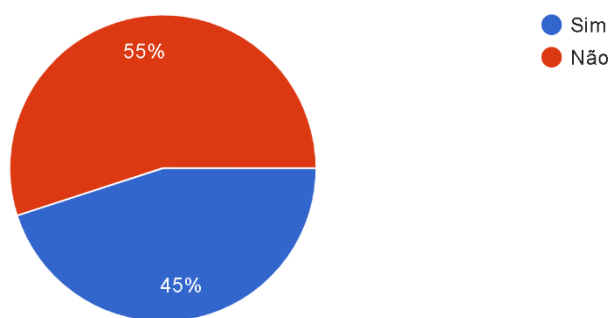
E nesse gráfico foi concluído que a maioria dos professores, onze de vinte, nunca trabalharam com estudantes disléxicos. O que nos vem mostrar o despreparo e também porque não? O comodismo pelo simples fato de que não tiveram em seu currículo escolar estudantes com o distúrbio da dislexia, deixando sempre pra mais tarde a formação continuada da inclusão. E nos vale ressaltar também que cabe aos órgãos públicos, manter seus professores sempre atualizados, oferecendo cursos de capacitação, e assim nossos estudantes poderão ter uma aprendizagem adequada eliminando o fantasma do bullying, da depressão infantil e também da evasão escolar.

Esse estudo mostra a realidade do que vem ocorrendo com nossos estudantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais em nossas escolas. A falta de capacitação é um

dos pontos mais gritantes e o ensino fundamental inclusivo pede socorro, solicitando professores com mais capacitação.

Você já trabalhou com aluno disléxico?

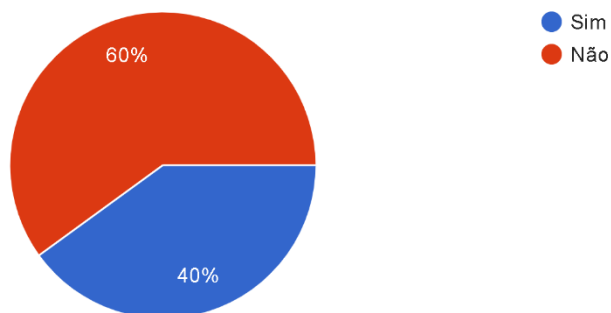
20 respostas



Já nesta pergunta a maioria também não sabe como a dislexia se desenvolve, o que mais uma vez vem nos mostrar a despreparação dos nossos professores. Doze professores de vinte não sabem a resposta.

Você sabe como a dislexia se desenvolve?

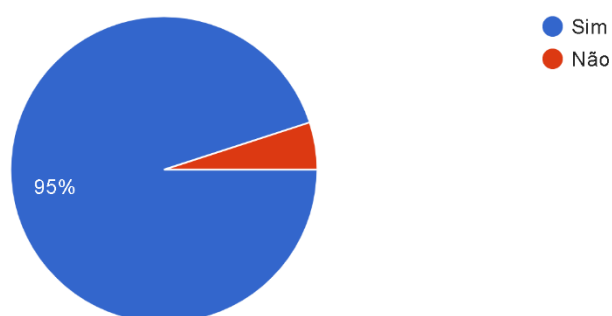
20 respostas



Agora nesta pergunta pelo menos, a maioria sabe o que vem a ser a dislexia. Dezenove em vinte professores responderam positivamente o que não deixa de ser um dado positivo. E esses professores devem com certeza se atualizarem na Educação Inclusiva para que possam ter a capacidade de levar o conhecimento aos nossos jovens estudantes.

Você sabe o que é dislexia?

20 respostas



Segundo o professor Emílio Figueira: "Os problemas de aprendizagem atingem a 1 de cada 10 crianças em idade escolar. Eles podem ser detectados em crianças a partir dos 5 anos de idade e constituem uma grande preocupação para muitos pais, já que afetam o rendimento escolar e as relações interpessoais dos seus filhos".

E este artigo vem a corroborar as dúvidas frequentes desses responsáveis que se encontram um tanto preocupados com o desenvolvimento escolar de seus jovens, lhes dando um parecer, e se caso seja necessário, buscar uma ajuda profissional, e assim o estudante disléxico poderá ter um apoio moral e profissional.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo pretendeu entender a dislexia no Ensino Fundamental Anos Iniciais para a intenção de colocar a par as situações que os estudantes disléxicos vêm enfrentando no dia a dia, tanto na escola como também em seu cotidiano, e que nos cabe ter a consciência de alertar tanto os pais, responsáveis, familiares como também os professores. Uma metodologia adequada pode e deve só trazer benefício a esses estudantes, a ludicidade vem a ter um grande potencial para a aprendizagem desses estudantes. Cabendo a cada um de nós uma participação constante na vida de nossos jovens estudantes.

Para se atingir uma melhor compreensão em analisar a dislexia no Ensino Fundamental Anos Iniciais em relação a aprendizagem e o comportamento dos estudantes que apresentavam esse distúrbio, definiu-se três objetivos específicos. O primeiro que descreve a dislexia, foi um ponto importante da pesquisa, pois nos mostrou que a maioria dos professores não sabiam com exatidão como correlacionar a dislexia ao estudante; o segundo de como acontece a inclusão escolar dos estudantes com o distúrbio da dislexia no Ensino Fundamental Anos Iniciais, a análise permitiu concluir que nos dias de hoje existem muitas leis de amparo a esses estudantes e que cabe aos pais e responsáveis fazer valer essas leis que os amparam, não cabendo em hipótese nenhuma a recusa desse tipo de matrícula tanto na rede regular municipal de ensino como também na rede privada; o terceiro de como verificar as práticas pedagógicas que vem sendo aplicada aos estudantes com dislexia no Ensino Fundamental Anos Iniciais. Esse ponto nos permitiu concluir que as práticas pedagógicas estão muito empobrecidas, com a maioria dos professores não tendo uma preparação adequada para receber esses estudantes em sua sala de aula. Cabendo aos professores uma especialização em práticas pedagógicas adequadas a esses estudantes disléxicos.

Se tem como hipótese que os estudantes com dislexia na maioria das vezes vêm sofrendo agressões física e morais. Sendo perseguidos tanto pelos colegas de classe como também por familiares e pessoas próximas. A depressão infantil é uma das consequências causadas por esse tipo de perseguição.

Com isso, a hipótese do trabalho de que os estudantes com dislexia na maioria das vezes vêm sofrendo desconforto e perseguição, segundo as pesquisas está confirmado. Sendo assim, o que nos leva a acreditar tanto na falta de preparação dos professores como também de responsáveis, familiares e pessoas próximas. O que nos leva a um ponto chave que é o de esclarecer esse público o quanto doloroso é para o estudante que possui o distúrbio da dislexia.

Os instrumentos de coleta dos danos permitiram uma avaliação de que é preciso com urgência de uma boa capacitação por parte dos professores. Para que eles possam se orientar e se adequar a uma metodologia de ensino apropriada a esses estudantes já tão sofridos e com sua autoestima abalada, tendo a compreensão de que esses estudantes já se sentem muito humilhado e desconfortável a sua condição de disléxico.

Nas melhorias futuras para um bom aprendizado dos estudantes de inclusão, terá que ter uma capacitação melhor e mais adequada dos professores e de toda a equipe pedagógica, podendo assim trazer mais conforto da aprendizagem aos nossos estudantes disléxicos, com reuniões de responsáveis, trazer mais esclarecimentos a esse público. Para que assim o estudante possa se sentir mais acolhido, não só na escola, mas também por seus familiares. Todos são capazes de aprender, basta apenas um pouco mais de dedicação, compreensão e solidariedade. E lembrar que a empatia é própria do ser humano.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal disponível em [www.educamaisbrasil.com.br](http://www.educamaisbrasil.com.br), acesso em 20/06/2022.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/96. Disponível em <https://www.planalto.gov.br> , acesso em 20/06/2022.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº, 2 de 11 de setembro de 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC, 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br>, acesso em 20/06/2022.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais, Salamanca- Espanha, 1994. Disponível em <http://portal.mec.gov.br>, acesso em 20/06/2022.

FIGUEIRA, EMILIO - (Educação Inclusiva, 2016, Aula 38, pag. 132).

Organização Mundial de Saúde. Genebra: OMS, 2012, ONU – Organização das Nações Unidas, pag. 231 a 235.

PEDROSO, F. S; ROTTA, N.T. **Transtornos da aprendizagem:** abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006, pag. 131-150

RIZZUTTI E MUSKAT. **O Professor E A Dislexia.** Editora Cortez- 1º ed. 2012

TIUSSO Valeria. Artigo, **Tipos de Dislexia.** (WWW.psicopedagogavaleria.com.br 2006, pag. 8).